

Bárbara Nunes de Santana¹
Ana Georgina Peixoto Rocha²

CAPITAL SOCIAL E GESTÃO: ESTUDO DE CASO DA ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃS DO CHITARTE EM CACHOEIRA – BAHIA

SOCIAL CAPITAL AND MANAGEMENT: CASE STUDY OF THE ASSOCIATION OF ARTISANS OF CHITARTE IN CACHOEIRA - BAHIA

¹ Graduada em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: bns.gestao@gmail.com

² Doutora em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS) e docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: anageorgina@ufrb.edu.br

RESUMO

Esse artigo aborda o capital social na gestão de um grupo de artesãs, através de um estudo de caso na Associação Artesanal Chitarte de Cachoeira Bahia, localizada no Recôncavo. Teve como objetivo geral compreender os efeitos do capital social na gestão de um empreendimento da economia solidária. O trabalho foi baseado na coleta de dados primários e secundários, a partir de uma abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas com as artesãs e com integrantes das organizações de assessoria de gestão desenvolvida no empreendimento. Foi utilizado, também, um conjunto de informações registradas no processo de assessoria do grupo. A análise, pautada em diferentes dimensões do capital social, revelou que a Chitarte, com o trabalho de assessoria, tem uma trajetória de fortalecimento no processo organizativo, evidenciando a presença de capital social. Os avanços ocorridos podem ser associados à melhoria na gestão, pautada no fortalecimento das relações de confiança e solidariedade entre as artesãs.

PALAVRAS-CHAVE: Artesanato. Associativismo. Empreendimentos Solidários. Território.

ABSTRACT

This article addresses the social capital in the management of a group of artisans, through a case study at the Chitarte Artisanal Association of Cachoeira Bahia, located in the Recôncavo. Its general objective was to understand the effects of social capital on the management of a solidarity economy enterprise. The study was based on the collection of primary and secondary data, based on a qualitative approach. Interviews were conducted with the artisans and with members of the management advisory organizations developed in the enterprise. A set of information recorded in the group's advisory process was also used. The analysis, based on different dimensions of social capital, revealed that Chitarte, with the work of advisory, has a trajectory of strengthening in the organizational process, evidencing the presence of social capital. The advances that have occurred can be associated with improved management, based on strengthening relationships of trust and solidarity between.

KEYWORDS: Crafts. Associations. Solidarity Enterprises. Territory.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda o tema do capital social na gestão de um empreendimento da economia solidária no Território do Recôncavo, estado da Bahia. A gestão é um dos principais desafios dos empreendimentos econômicos solidários e envolve não apenas questões técnicas e econômicas mas, também, aspectos das relações entre os cooperados. Avançar na profissionalização, com base nos princípios da autogestão, é resultado de um processo que precisa garantir a autonomia e a participação de todos os envolvidos. Nesse sentido, busca-se compreender a gestão na perspectiva das relações estabelecidas no empreendimento entre os associados e os desafios do processo organizativo, a partir do estudo de caso de uma associação de artesãs.

O trabalho artesanal é a expressão da cultura de um povo, das suas tradições passadas entre as gerações. O artesanato representa a história e a cultura dos territórios e, ao mesmo tempo, tem sido uma estratégia para a inclusão social de determinados grupos, revelando-se como uma atividade econômica com potencial que se pauta justamente na diferenciação dos produtos a partir da valorização dos seus aspectos culturais. Políticas implementadas a partir da década de 1990 buscaram fortalecer essa atividade produtiva e incentivar o seu desenvolvimento com base no associativismo e no cooperativismo.

A análise aqui realizada é baseada no estudo de caso do grupo Chitarte, através de uma abordagem qualitativa, com dados primários e secundários. A coleta dos dados primários foi realizada no período entre outubro e novembro de 2020, através de entrevistas de forma remota, em função das restrições da pandemia do Covid-19. Essa pesquisa originou-se de um Trabalho de Conclusão de Curso e foram realizadas dezoito entrevistas (com dezesseis artesãs e com duas técnicas que prestaram assessoria no empreendimento). Foi realizada, também, pesquisa de base documental, com a análise de documentos e registros da organização. Buscou-se compreender as mudanças na Chitarte a partir da participação no projeto Saber, Fazer e Empreender, realizado pela ONG Artesãos do Brasil, sediada em Salvador, capital do estado da Bahia, e analisar a assessoria em gestão prestada pelo Centro Público de Economia Solidária do Recôncavo / Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra (CESOL Recôncavo/CEDITER).

As entrevistas com as artesãs que fazem parte do grupo e com as integrantes das organizações de assessoria de gestão desenvolvida no empreendimento foram voltadas para a compreensão das relações estabelecidas dentro do grupo e desse com as organizações de apoio, tendo como referência a noção de capital social. As informações registradas no processo de acompanhamento do grupo na assessoria, além da análise de documentos, foram fontes importantes da pesquisa de campo.

CAPITAL SOCIAL E GESTÃO NOS EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

A perspectiva teórica adotada parte do conceito de capital social de Putnam (1993) e de sua importância na ação coletiva. O capital social está relacionado com determinados atributos de uma organização (ou de um grupo) “como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (PUTNAM, 1993, p. 177). Logo, a formação do capital social é resultado de um longo processo de convívio, que gera a confiança entre os indivíduos. Na visão de Putnam (1993), são elementos da organização social como as redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação, a cooperação e o benefício mútuo.

Já Bourdieu (2001, p. 68) considera que o

capital social é o conjunto dos recursos atuais ou potenciais vinculados a um grupo, por sua vez constituído por um conjunto de agentes que não só são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por relações permanentes e úteis.

Dessa forma, os indivíduos pertencentes a um grupo estão ligados por um motivo, de forma permanente, norteadas pela confiança que se baseia em um caráter material ou simbólico de interligação e intercooperação. O capital social não corresponde apenas a um indivíduo, e sim a um conjunto desses, promovido pela cooperação, organização, confiança, parceria e nisso percebe-se um caráter democrático e associativo.

O capital social pode ser considerado de dois tipos: estrutural e cognitivo. Do ponto de vista de Campos e Sapelli (2007), capital social estrutural corresponde à estrutura interna, como são as tomadas de decisões, a comunicação, a coletividade, a organização da rede. Já o capital social cognitivo refere-se às relações de confiança, valores, normas, atitudes e crenças. Eles podem ou não se complementarem, mas, um aspecto fica claro, que quanto mais se unem, mais aumenta o nível de capital social em uma organização podendo gerar o capital humano, econômico e físico.

Assim, Putnam (1993) coloca que o capital social é um viés na comunidade podendo possibilitar a garantia de participação e geração de atos coletivos para construção democrática sem interferência política.

Na ótica dos autores Bourdieu (1980), Coleman (1990) e Putnam (1993), capital social é o resultado da confiança em rede, com o sentido de alcançar um benefício mútuo que, sem ele, seria mais difícil conseguir. É nesse contexto que se pretendeu estudar uma associação de artesanato, procurando compreender a dimensão do seu laço associativo e a influência desse na gestão. A gestão é um processo complexo, em especial nos empreendimentos econômicos solidários em que, para além da questão técnico-econômica da organização, é preciso incorporar outros aspectos e garantir uma participação democrática.

A gestão é entendida como o gerenciamento de forma planejada, organizada, dirigida e controlada, visando o bem comum de todos os envolvidos. Para

Chiavenato (2000, p. 7), é o “processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos a fim de alcançar objetivos”. Do ponto de vista de Buarque (2007), gestão corresponde ao gerenciamento com liderança diante de pessoas ou instituições públicas ou privadas, fundamentando-se no coletivo de todos os envolvidos. Logo, o ato de gerir não sobrevive sem a participação democrática nas tomadas de decisões e, para isso, a liderança precisa estimular a coletividade através dos princípios já citados da gestão.

Os empreendimentos econômicos solidários precisam ter a sua gestão pautada nos princípios da autogestão, em oposição à heterogestão.

[...] o que define a autogestão são as relações sociais democráticas, coletivistas e igualitárias, que fazem da produção associada mais do que uma organização econômica, na medida em que se configura em um espaço privilegiado para a experimentação social e a realização de ações pedagógicas no campo político e cultural. (XAVIER, 2008, p. 19).

Para Singer (2002), a autogestão propicia o desenvolvimento dos participantes, mas esbarra no desafio da falta de interesse desses nas atividades desenvolvidas e nas tomadas de decisões. A autogestão não é algo tão simples de ser executada diante de uma sociedade marcada pelas relações capitalistas. Não tem como viver a autogestão em uma mudança repentina, ela engloba uma cultura a ser construída, dia após dia, e isso vem de um processo educativo que estimule a cooperação e a colaboração. Com essa compreensão, Gadotti (2009) exemplifica que uma autogestão não acontece sem a efetiva participação dos atores envolvidos.

Para Singer (2005) e Gadotti (2009), esse é um processo de ensino e aprendizagem, uma prática de pedagogia não formulada, mas que se constrói de acordo com os envolvidos e que precisa envolver todo o grupo com liberdade de participação, não podendo ser um processo obrigatório.

É nesse debate que se insere o estudo aqui realizado, partindo da ideia da importância do trabalho autogestionário como uma alternativa para uma sociedade mais justa e democrática. Entende-se que o segmento do artesanato envolve concepções que se contrapõem ao modelo de produção industrializado e padronizado, incorporando elementos que envolvem um trabalho manual, que valoriza aspectos culturais e regionais, com relações de trabalho solidárias.

A CHITARTE NO RECÔNCAVO

A Associação Artesanal Chitarte de Cachoeira Bahia está situada no Território do Recôncavo, no estado da Bahia, um dos 27 territórios de identidade do estado. O Território do Recôncavo abrange 19 municípios, envolvendo uma população de 514.792 habitantes com uma densidade demográfica de 107,4 habitantes/km², de acordo com os dados do Censo Demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A região considerada Recôncavo tem historicamente significativa importância socioeconômica e cultural para o estado da Bahia. O termo ‘recôncavo’ tem o sentido de

[...] terra em redor de qualquer baía. No Brasil ela terminou se vinculando mais fortemente à região que circunda a Baía de Todos os Santos. O processo de ocupação da região seguiu determinados vetores que por muito tempo definiram os caminhos e percursos que ligavam a capital da Bahia às localidades mais distantes do litoral. (FRAGA, 2010, p. 06).

Muitos municípios do Território têm uma grande influência da cultura africana. É o caso de Cachoeira, cidade histórica do interior do estado. Distante 120 km de Salvador, localizada às margens do Rio Paraguaçu, Cachoeira possui o segundo mais rico acervo arquitetônico da Bahia. Em 1971, foi tombada como Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional e foi agraciada pelo título de Cidade Monumento Nacional, pela sua contribuição nas lutas pela Independência do Brasil.

Conforme os dados do Censo Demográfico 2010, o município de Cachoeira possui uma população de 32.026 habitantes, sendo que, desse total, 15.639 residem na zona rural. O grau de urbanização é de 51,2%. A ruralidade, característica do Território, é refletida nas tradições histórico-culturais ainda presentes como o samba de roda.

Sua cultura é embalada pelos movimentos herdados dos povos que nela residiram no período colonial e pós-colonial. É nesse contexto histórico-cultural que foi trazida a chita, tecido de origem indiana marcado pelas cores das estampas tropicais, aportado no Brasil no período colonial para confeccionar as vestimentas dos escravos, pelo seu baixo custo na época. Atualmente, a chita está presente em decorações e vestuários de grandes grifes no país e também na cultura de Cachoeira diante dos movimentos culturais como o samba de roda, festejos juninos, Embalo d'Ajuda, na afirmação da cultura afro. Essa também é a identidade do grupo Chitarte, objeto de estudo desse trabalho, que adotou a chita para dar vida às suas peças, elaboradas com o tecido rebordado pelos pontos livres, retratando as histórias de suas artesãs e de sua cidade natal.

O artesanato brasileiro tem o seu desenvolvimento relacionado com as "tradições sociais, culturais, estéticas e religiosas em todo território nacional" (ANJOS, TORRES; SILVEIRA, 2021, p. 202). Para os autores, a identidade do artesanato é considerada como "um conjunto de manifestações culturais e singularidades do povo brasileiro expressas por meio de objetos e artefatos artesanais" (p. 202). Nessa perspectiva, o artesanato é uma atividade econômica intrinsecamente relacionada com o seu território e articulada com as relações sociais construídas no espaço territorial. E, particularmente, como colocam Mello e Froehlich (2015), "[...] os territórios rurais têm sido reconhecidos como fontes de saberes e práticas culturais tradicionais, sendo uma de suas formas de expressão o artesanato." (p. 159).

A própria noção de desenvolvimento territorial está pautada na ideia da ativação de "recursos específicos", como destaca Pecqueur (2005). A noção de território construído pelos próprios atores, a partir das especificidades dos recursos locais: "nessa perspectiva, o território é o resultado de um processo de construção pelos atores. O território não é postulado, é constatado a posteriori". (PECQUEUR, 2005, p. 13).

O município de Cachoeira, assim como todo o Território de Identidade do Recôncavo, é também um polo artesanal vasto que ainda precisa ser explorado, cercado de diversas técnicas e tipologias passadas por gerações e que garante um legado cultural do fazer e transformar com as mãos.

A Chitarte surgiu dentro de um grupo de professoras, profissionais e aprendizes de artesanato, que tinha 27 anos de existência, dentro do extinto Mauá, uma filial do Instituto de Artesanato Visconde de Mauá cuja matriz ficava em Salvador, capital do estado da Bahia. Atualmente é denominada Coordenação de Fomento ao Artesanato (CFA). O empreendimento possui dezessete artesãos e fez parte do projeto Saber, Fazer e Empreender, realizado pela Organização Não Governamental (ONG) Artesãos do Brasil, através de recursos de políticas públicas de um edital financiado pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE) do Estado, juntamente com a CFA, que é vinculada à SETRE.

A Chitarte foi assessorada pelo CESOL Recôncavo/CEDITER no período de 2014 a 2021 e pela Organização Não Governamental (ONG) Artesãos do Brasil, no período de 2014 a 2018, que atualmente é uma de suas parceiras. A organização formou-se em abril de 2014 e foi legalizada como associação em dezembro de 2015, após oito meses de capacitação em gestão pela Artesãos do Brasil. A formalização foi estimulada pelo interesse em participar do concurso Prêmio TOP 100, realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), para identificar os 100 melhores artesanatos do País. O artesanato da Chitarte ficou entre os 200 por não produzirem naquele momento em larga escala.

A Chitarte não tem fins lucrativos e nasceu para representar suas associadas juridicamente e realizar seus objetivos e interesses comuns e no decorrer de curto período de existência vem se destacando no cenário do artesanato por passarem em vários editais de feiras estaduais (São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Brasília, Pernambuco), vender para grandes lojistas, expor de forma permanente no Espaço Solidário do Recôncavo (Cruz das Almas), Vitrine do CESOL Recôncavo (Cachoeira) e na loja do Artesanato da Bahia (Salvador).

A organização também fez parte da rede de economia solidária CESOL Recôncavo (Centro de Economia Solidária do Recôncavo da Bahia), do fundo rotativo Nir or Nir (Força e Resistência) nascido através de projeto do Centro citado e faz parte da Rede Baía de Todos os Santos (BTS) e da Rede do Artesanato Nacional Cultural Brasileiro (ARTESOL), sendo um dos 15 empreendimentos selecionados em 2022.

O empreendimento segue um processo organizacional baseado no estatuto, criado por suas sócias/artesãs, onde essas ocupam os cargos de diretoria (presidência, vice-presidência, tesouraria, secretaria, conselho fiscal com três titulares e três suplentes) escolhidas por votação a cada dois anos.

Os processos de organização do trabalho têm como base a participação das associadas, com uma divisão coletiva das atividades, de acordo com a disponibilidade das artesãs. São também feitas de forma coletiva as compras, as vendas e as tomadas de decisões. Essas decisões acontecem nas reuniões mensais – as Assembleias Gerais – e, em casos excepcionais, ocorrem as Assembleias Extraor-

dinárias. Nesse processo, todas têm direito ao voto para as tomadas de decisões.

No momento atual, a Chitarte conta com a parceria da Prefeitura de Cachoeira, através da Secretaria de Assistência Social, Educação, Cultura e Turismo; com a Coordenação de Fomento ao Artesanato (CFA/SETRE); do Centro de Referência ao Atendimento à Mulher (CRAM); e tem um bom diálogo com empreendimentos solidários, populares e criativos do segmento do artesanato e da agricultura familiar do Território de Identidade do Recôncavo e demais territórios da Bahia. Destaca-se a realização de um projeto com a meta de contribuir na geração de renda para 60 jovens entre 15 e 29 anos da cidade de Cachoeira, fomentar o artesanato com materiais recicláveis e promover o desenvolvimento sustentável local através do edital “Juventude em Movimento” pelo Instituto Localiza.

O CASO DA CHITARTE

A análise dos dados foi pautada em diferentes dimensões do capital social, através do Questionário Integrado de Medir Capital Social (QI-MCS) que, segundo Grootaert *et al.* (2003), foi criado para medir o capital social em comunidades buscando entender o nível de pobreza. Com base nessa metodologia, foram adaptadas questões para uma compreensão dos níveis de confiança e de solidariedade na Associação estudada.

Buscou-se analisar a gestão e o capital social da Chitarte, a partir das seguintes dimensões: grupos e redes; confiança e solidariedade; ação coletiva e cooperada; informação e comunicação; coesão e inclusão social; e autoridade ou capacitação (*empowerment/fortalecimento*) e ação política, como apresentado na Figura 1. Cada uma dessas dimensões oferece elementos para uma compreensão sobre as relações estabelecidas pelas artesãs, entre si e com a assessoria, contribuindo para uma análise do capital social na gestão do empreendimento.



Figura 1. Dimensões do capital social
Fonte: Pesquisa de campo (2020)

A dimensão 1 – grupos e redes – procura identificar como o indivíduo participa, se associa e interage com o grupo no decorrer de um tempo e com outros grupos, sendo também a forma como a associação se organiza. Nesse sentido, tem uma representação importante no capital social de uma organização e entre seus integrantes.

Como descrito por Grootaert *et al.* (2003, p. 8),

[...] é a categoria mais comumente associada ao capital social. [...] o consideram a natureza e a extensão da participação de um membro de um domicílio em vários tipos de organização social e redes informais, assim como as várias contribuições dadas e recebidas nestas relações. Também considera a diversidade das associações de um determinado grupo, como suas lideranças são selecionadas, e como mudou o envolvimento da pessoa com o grupo ao longo do tempo.

A dimensão 2 – confiança e solidariedade - é considerada emblemática e difícil de ser mensurável por ser entendida de diversas formas, dependendo do indivíduo e do espaço que ele está inserido, logo “[...] confiança é um conceito abstrato, difícil de medir no contexto de um questionário domiciliar, em parte porque pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes” (GROOTAERT *et al.*, 2003, p. 18).

Na dimensão 3 - ação coletiva e cooperada -, Grootaert *et al.* (2003) consideram que esse indicador de capital social tem origem na inter-relação dos indivíduos no local que ocupam; consiste na forma pela qual os indivíduos se disponibilizam e cooperam entre si, e isso depende de como está o nível do capital social entre eles.

A dimensão 4 - informação e comunicação - mede como acontece a informação e a comunicação em um grupo. Trata-se de uma lista das fontes de informação e dos meios de comunicação” (GROOTAERT *et al.*, 2003, p. 18) e como os indivíduos a fazem.

Coesão e inclusão social é a quinta dimensão e representa a inter-relação dos indivíduos e as formas como conduzem as relações sociais. Abrange questões relacionadas com inclusão, sociabilidade, conflito e violência “desde percepções gerais sobre o sentimento de comunhão e unidade social da comunidade, até experiências com exclusão.” (GROOTAERT *et al.*, 2003, p. 19-20).

Na sexta dimensão do capital social - autoridade ou capacitação (*empowerment*/fortalecimento) e ação política - os autores a definem “mais precisamente como a habilidade para tomar decisões que afetam as atividades cotidianas e que podem mudar o curso de vida das pessoas.” (GROOTAERT *et al.*, 2003, p. 21).

Cada um desses aspectos oferece elementos para uma compreensão sobre as relações estabelecidas pelas artesãs, entre si e com a assessoria, contribuindo para uma análise do capital social no empreendimento. As artesãs trabalham com a tipologia de fios e tecidos e utilizam a técnica do bordado à mão livre; a identidade de seus produtos (e do próprio grupo) é a chita, tipo de tecido que tem tradição histórica e é parte do contexto sociocultural da cidade onde a Associação está sediada.

Os avanços ocorridos no grupo podem ser associados à melhoria na gestão, pautada no fortalecimento das relações de confiança e cooperação entre as artesãs. Além de ser uma fonte de renda para as associadas, a participação na Chitarte promove a sociabilidade e estimula a troca de experiências, sendo um espaço de resistência de mulheres em grande parte com histórias marcadas pela exclusão social.

Os resultados apontaram o fortalecimento do processo organizativo do empreendimento, com base na participação e no empoderamento das artesãs, a partir da atuação dos projetos de assessoria. De uma formação inicial apenas para o aprendizado do artesanato, o grupo passou a fazer a compra de matéria-prima, a produção e a comercialização coletivamente e de forma autogestionária.

Até 2015, as artesãs faziam parte de um grupo de aprendizagem de artesanato no extinto Mauá de Cachoeira e se reuniam apenas para aprender, na maioria das vezes, trabalhos manuais. O grupo produzia cópias, não tinha um trabalho que o identificasse, a compra de matéria-prima era de forma individual e as decisões eram tomadas pela coordenadora do centro.

Com o desenvolvimento do trabalho de assessoria em gestão, as artesãs foram consolidando o grupo de artesanato. A compra de matéria-prima, a produção e a comercialização passaram a ser feitas de forma coletiva. O grupo passou a ter um estatuto e a chita foi adotada para identificar o trabalho desenvolvido pelas artesãs. Isso foi resultado de um processo baseado em um conjunto de atividades que trabalhava não apenas o padrão de qualidade da produção, mas, também, os desafios da gestão do empreendimento, dentro dos princípios da economia solidária. O artesanato era visto como um *hobby* mas, também, como uma alternativa para a melhoria da renda. O acompanhamento da assessoria com atividades de formação/capacitação e um trabalho motivacional reconhecendo as trajetórias individuais de cada artesã e, ao mesmo tempo, estimulando o espírito de cooperação foram gerando novas dinâmicas na Chitarte. Essas trajetórias são, em geral, marcadas pela exclusão social e por situações de vulnerabilidade social.

As próprias entrevistadas reconhecem a importância do trabalho coletivo e da articulação em rede, com a ampliação de parcerias. Segundo a artesã “Alinhavo”¹, “tudo é coletivo, seja para compra de matéria-prima ou para escolha do que vão produzir, tudo aqui é compartilhado e a Chitarte fez a gente saber o que é artesanato e conhecer outros grupos, ter parceria.” Para a artesã “Dente de cão”, o “grupo vai além do bordado, é uma felicidade para nós estarmos juntas, momentos de muitas alegrias”. A Chitarte tem uma gestão democrática, regida pelo estatuto elaborado pelas associadas. Os cargos de diretoria são escolhidos através de votação e todas as integrantes participam das decisões.

Diante dos dados “alinhavados” e analisados nesse estudo, conseguiu-se “arrematar” e comprovar que, de acordo com a percepção das entrevistadas, os avanços ocorridos no grupo podem ser associados à melhoria na gestão, pautada

¹ Na divulgação dos resultados das entrevistas, foram utilizados nomes fictícios preservando a identidade das artesãs. Cada entrevistada escolheu um nome retirado dos pontos que compõem o bordado à mão livre, técnica que elas trabalham.

da no fortalecimento das relações de confiança e cooperação entre as artesãs. A assessoria também considera que o grupo avançou no processo de gestão, reconhecendo a participação das artesãs nas atividades e a confiança depositada no grupo.

Os desafios ainda são inúmeros como a falta de sede própria, a baixa produção e, como consequência, uma renda insuficiente para garantir maior autonomia para as mulheres. No entanto, o grupo continua coeso, trabalhando, se comunicando, participativo, conquistando espaço no segmento do artesanato no âmbito nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo discutir a gestão em um empreendimento econômico solidário, a partir da noção de capital social. O estudo de caso foi realizado em uma associação de artesanato no município de Cachoeira, no Território do Recôncavo da Bahia. A partir de diferentes dimensões que expressam o capital social, buscou-se entender as transformações na Associação Artesanal Chitarte de Cachoeira Bahia, resultado do trabalho desenvolvido com projetos de assessoria.

Os resultados apontam a importância de ações de assessoria que estimulem o protagonismo e a autonomia dos grupos, baseadas em processos formativos que partam das realidades específicas. No caso da Chitarte, a melhoria e a qualificação do artesanato aconteceram em paralelo ao fortalecimento do tecido associativo da Associação e ao empoderamento das artesãs. De forma mais ampla, o trabalho evidencia a importância destes empreendimentos de economia solidária para o desenvolvimento dos territórios em uma perspectiva sustentável, que garanta, para além da renda, o bem-estar e a inclusão social da sua população.

Conclui-se que, apesar dos desafios ainda vivenciados pelas associadas, é possível identificar uma trajetória de consolidação do grupo, a partir de um processo de gestão que tem estimulado o fortalecimento do capital social. Destaca-se a importância de práticas pedagógicas que, conforme Gadotti (2009), valorizem a participação e uma educação compartilhada entre ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Raíssa Albuquerque dos; TORRES, Pablo Marcel de Arruda; SILVEIRA, Nathalie Barros da Mota. Artesanato paraibano: um estudo sobre identidade e território em associações de artesãs da Paraíba. Dossiê PPGDesign UFCG, v. 6, n. 1, 2021.

BOURDIEU, Pierre. (1980). O Capital Social – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMPOS, Lucila Maria de Souza; SAPELLI, Denise Maria. Indicadores de capital social numa organização de terceiro setor: uma visão comparativa entre a percepção do público interno e externo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – ANPAD, 31, Rio de Janeiro. Anais [...] 22 a 26 de set. 2007. Anais [...] Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/33/APS-A688.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Disponível em: <https://alexavidal.files.wordpress.com/2015/07/chiavenato-introduc3a7c3a3o-c3a0-teoria-geral-da-administra-3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020. 82p.

COLEMAN, James Samuel. Foundations of social theory. Harvard University Press, 1990.

GADOTTI, Moacir. Economia solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. 139p.

GROOTAERT, Christiaan; NARAYAN, Deepa; JONES, Veronica Nyhan; WOOLCOCK, Michael. Questionário integrado para medir capital social (QI-MCS) (Integrated Questionnaire for the Measurement of Social Capital) (SC-IQ). Banco Mundial. Grupo Temático sobre Capital Social. 2003. 73p.

HINTZE, Susana. Capital social. In: HESPANHA, Pedro; CATTANI, Antonio David; LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio (org.). Dicionário internacional da outra economia. Portugal: Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação, 1946. p. 49.

INSTITUTO ECOLÓGICA. Cartilha de associativismo e cooperativismo. 2007. 16p. Disponível em: <http://www.ecologica.org.br/index.php>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. Base conceitual do artesanato brasileiro, 2012. 66p. Disponível em: <https://www.abexa.org.br/arquivos/6dd947d5c-2792c3dcb133d30038ffe5d.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 2000. (original: Making democracy work. Civic traditions in modern Italy. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993). 132p.

SINGER, Paul. A economia solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org.). Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep, 2005. 104p. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/Economia+solid%C3%A1ria++educa%C3%A7%C3%A3o+de+jovens++adultos/5226fbd2-28a7-4a1c-a404-34d8e8f17cc7?version=1.2>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SINGER, Paul. Introdução à economia solidária. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 128p.

XAVIER, Eudes. Economia solidária no Brasil: uma outra economia acontece. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2008.